

O sertanejo e sua peleja existencial: da peça teatral Morte e Vida Severina em uma abordagem pedagógica e formativa desenvolvida na Escola Maria Dias Trindade, município de Paripiranga/BA

El sertanejo y su lucha existencial: de la pieza teatral Muerte y Vida Severina en un abordaje pedagógico y formativo desarrollado en la Escuela Maria Dias Trindade, municipio de Paripiranga/BA

José Souza dos Santos

Graduado em Letras Vernáculas; Pós-Graduando em Estudos Linguísticos e Literários Aplicados ao ensino de Língua Portuguesa; Professor efetivo de Língua Portuguesa do município de Paripiranga; Vencedor Estadual do Prêmio professores do Brasil 2017; Destaque Estadual do Prêmio Professores do Brasil 2018.
E-mail: joseph.august@hotmail.com

Resumo: A escola, de um modo geral, é um ambiente privilegiado por garantir muito contato com os livros. Entretanto, formar-se enquanto leitor depende não apenas das oportunidades de acesso aos livros, tampouco da quantidade destes, vai além disso. Pressupõe incentivar o hábito da leitura, ler para o outro ouvir, oportunizar experiências de vivências de leitura. Passar a gostar ou a detestar a leitura tem a ver com a qualidade das interações com aquele que intermedia os encontros com os textos e, também, com as situações em que as leituras ocorrem. É nessa perspectiva que o presente trabalho se fundamenta. Apresenta-se nele a proposta de um trabalho pedagógico a partir da leitura da peça teatral Morte e Vida Severina, analisando o poder de informar do texto literário, visando despertar e encantar o leitor, de modo a possibilitar aos alunos o contato com outras naturezas de leitura mais realista que identifique o sertanejo e toda sua peleja existencial, além de ampliar e ressignificar o repertório vocabular, valorizando-o como objeto de estudo. A metodologia tem como foco a leitura contextualizada da obra, contextualização da temática e, também, a exploração da oralidade através da encenação da peça teatral.

Palavras-chave: Sertanejo. Texto literário. Formação.

Resumen: La escuela, en general, es un ambiente privilegiado por garantizar un gran contacto con los libros. Sin embargo, la capacitación como lector depende no sólo de las oportunidades de acceso a los libros, sino también de la cantidad de ellos. Presupone alentar el hábito de lectura, leer para que otros los escuche, brindar oportunidades para las experiencias de lectura. Tener gusto o detestar la lectura tiene que ver con la calidad de las interacciones con la persona que intermedia los encuentros con los textos y, también, en las que tienen lugar las lecturas. En esta perspectiva se basa el presente trabajo. Presenta la propuesta de un trabajo pedagógico a partir de la lectura de la obra de teatro Muerte y Vida Severina, analizando el poder de informar el texto literario, con el objetivo de despertar y deleitar al lector, a fin de permitir a los alumnos contactar otras naturalezas de lectura más realista que identifica al campesino y toda su lucha existencial, además de ampliar y replantear el repertorio de vocabulario, valorándolo como objeto de estudio. La metodología se centra en la lectura

contextualizada de la obra, contextualización del tema, y también, la exploración de la oralidad a través de la puesta en escena de la obra teatral.

Palabras clave: Campesino. Texto literario. Formación.

1 Introdução

É impossível pensar o homem fora de um contexto comunicativo, bem como linguístico, visto que em qualquer situação de comunicação e interação entre os sujeitos, seja formal ou informal, existe de forma direta a produção de/dos gênero (os) que são continuamente construídos e reconstruídos por interlocutores de determinado contexto comunicativo. Assim, toda educação, verdadeiramente comprometida com o exercício da cidadania, precisa criar condições para o desenvolvimento da capacidade de uso eficaz da linguagem que satisfaça necessidades pessoais e sociais de seus usuários.

De modo geral, os textos são produzidos, lidos e ouvidos em razão de finalidades desse tipo. São os textos que favorecem a reflexão crítica e imaginativa, bem como o exercício de formas de pensamentos mais elaborados. Enfim, os bons textos são vitais para a plena participação numa sociedade letrada.

A leitura, principalmente as literárias, coloca o aluno na condição de sujeito da própria aprendizagem, pois, com todo um discurso metafórico e rico em significados, permite que este se aproprie de todo aquele discurso cedido pelo autor. O autor da obra, de certo modo, como nos colocam Turchi e Silva (2006), morre para que o leitor teça seu próprio repertório de questionamentos e reflexão. No universo da leitura, este é o maior ganho.

A escola da educação básica é aqui entendida como a principal agência do letramento, tem por objetivo maior ampliar as experiências de letramento dos alunos, isto é, promover eventos de letramento relevantes para a formação de sujeitos amplamente letrados. Espera-se que os alunos, ao final da escolarização supracitada, tenham condições de se inserirem com autonomia e segurança nas diversas práticas de letramento, inclusive, aquelas mais valorizadas pela sociedade letrada, compreendendo criticamente, assim como produzindo os gêneros relativos a tais práticas.

A formação de um leitor deve valer-se de vivências sistemáticas de leitura carregadas de significado, de sentidos que contribuam para o seu estar no mundo. Deve envolver práticas sociais, nas quais o indivíduo sinta a necessidade de ler.

Entende-se que o estudo de literatura não deve se restringir ao estudo de escolas literárias, tampouco se deve usar o texto literário como finalidade única de objeto do estudo gramatical. Ainda de acordo com Turchi e Silva(2006), o texto não é e nem deve ser pretexto. O texto literário deve ser analisado por si mesmo, observando-se sua principal característica: seu objeto de transformação do sujeito; há a necessidade urgente de priorizar o caráter emancipador do texto literário. Assim, a proposta de letramento atende a esse propósito, pois o uso eficaz da leitura e da escrita promove, dentre as inúmeras habilidades, o pensamento crítico e reflexivo que culminará no despertar de mentes.

Por esse motivo nossas pesquisas foram voltadas para o estudo da literatura cujo objetivo consiste em incentivar os alunos à leitura e fazer com que entendam que a prática de leitura literária é importante na contribuição do ensino da língua no currículo escolar: o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornando-se seu usuário competente.

É sabido também que o ato de ler é revolucionário, pois transforma o leitor passivo em leitor ativo, um coautor, doador de sentidos e, além de capacitá-lo para o estudo de obra literária, capacita-o a entender e inter-relacionar questões referentes à sociedade de determinada época, às diversas influências do contexto histórico e, independentemente do tempo da obra, a analisar situações ainda existentes nas sociedades contemporâneas, propondo intervenções para a mesma.

Partindo do pressuposto de que a leitura enquanto prática de letramento torna significativo o trabalho do professor e a aprendizagem do aluno, a organização de uma sequência didático-pedagógica foi proposta para análise da peça teatral de João Cabral de Mello Neto. Com essa peça mostra-se como a conversão deste em uma encenação de teatro fortalece as práticas de letramento e reforça a ideia de que pouco adianta a leitura mecânica e decodificada do enredo em verso, se não houver um trabalho sistematizado que possibilite aos alunos pôr em prática os conhecimentos adquiridos com a leitura, bem como as reflexões tiradas do mesmo. Ou seja, sentir o texto para entender a função do texto literário, enquanto recurso de interação e de engajamento social.

João Cabral é comprometido com o social. Ao construir uma poesia, constituída de realidade, ele associa poética, política e forma, preocupa-se com a sociedade, com as desigualdades, já que discute em seu texto temas que trazem à tona questões ligadas à miséria, à seca e à fome.

O mundo ideal, os tipos humanos, paisagens, cidades e a realidade nordestina compõe a temática da obra Cabralina. Ele trata o Nordeste de maneira particular e especial, onde a morte e a economia, a política latifundiária e a miséria são elementos vitais dos milhares de homens que habitam aquela terra. O autor expõe que estes elementos vitais atuam sobre o homem, favorecendo sub-condições de vida, rodeada de muita miséria, morte, e criando a desesperança. O contato com sua poesia nos mostra que o sistema capitalista transforma os nordestinos em seres atrofiados, não só fisicamente, mas também psicologicamente, criando pessoas incapazes de lutar pela própria sobrevivência.

Assim, buscou-se com este trabalho levantar reflexões acerca das concepções de leitura, pontuar questões sobre o encaminhamento pedagógico da mesma, além de discutir possibilidades do trabalho docente capazes de permitir o encontro do aluno com atividades de leitura que lhe despertem o prazer de ler, instiguem a imaginação e favoreçam a compreensão da realidade e da cultura que o circundam como prática de letramento e, sobretudo, promover a transformação do sujeito de modo que ele consiga ser a transformação que deseja ver em seu meio social.

2 Breve histórico do ensino da Língua Portuguesa

O ensino da Língua Portuguesa, mais precisamente da língua materna no Brasil, há tempos, se resume em práticas obsoletas e fechadas em que se visam apenas os aspectos formais da leitura e da escrita, e não se levam em consideração a estimulação e o aprimoramento da consciência crítica dos alunos. No entanto, o mundo contemporâneo caracteriza-se por uma diversidade cultural e linguística que exige do sujeito uma formação fundamentada em competências e habilidades capazes de atender à demanda proposta socialmente. Estas, por sua vez, não podem ser desenvolvidas por uma proposta de ensino estática, que coloca o aluno na condição de objeto da própria história, pois, quando se investe em aulas técnicas e estagnadas, o aluno tende a reproduzir conhecimentos e não os produzir.

Temos como exemplo o quadro nada animador de insucesso escolar que se dá de diversas maneiras, e, em especial, pela aversão às aulas de português que o estudante cria ao longo do tempo, chegando a afirmar que “não sabe português” ou que “o português é uma língua muito difícil”, e, em casos mais extremos, ocorre também a repetência seguida de evasão escolar.

Nesse contexto, Irandé Antunes salienta que,

com enormes dificuldades de leitura, o aluno se vê frustrado no seu esforço de estudar outras disciplinas e, quase sempre, “deixa” a escola com a quase inabalável certeza de que é incapaz, de que é linguisticamente deficiente, inferior, não podendo, portanto, tomar a palavra ou ter voz para fazer valer seus direitos, para participar ativa e criticamente daquilo que acontece à sua volta. Naturalmente, como tantos outros, vai ficar à margem do entendimento e das decisões desconstrução da sociedade. (2003, p.20)

Dito de outro modo, é inegável a premissa de que o homem é linguagem e todas as manifestações e atuações desse sujeito na sociedade se efetivam também mediante a linguagem e seus desdobramentos. Logo, é crucial uma ressignificação nos processos formativos da Língua Portuguesa, uma vez que o domínio dessa língua é, sem dúvida, condição necessária para o exercício da cidadania.

3 Formação de professores para o ensino da LP

Sabemos que a educação, enquanto instituição social e formadora, é fundamental para o exercício da cidadania. Somente ela e por meio dela, o homem consegue transcender os limites da existência, no sentido de ser mais do que aquilo que sua cultura, seu meio ou as ideologias dominantes podem oferecer. O homem se forma pela educação e por ela consegue romper as barreiras invisíveis que existem entre o opressor e o alienado. A educação vem a ser a ferramenta crucial para a libertação do sujeito diante das alienações sociais. Ela é, sem dúvida, o elemento capaz de libertar o homem da força do conformismo social e convertê-la em uma força de transformação social.

Assistimos hoje a um modelo de educação, embora com suas inovações no campo pedagógico e teórico, altamente narrativa. Os professores, em sua prática diária, narram o tempo todo em sala de aula fatos do passado e do cotidiano. São narrativas de cunho conteudista. Fatos e acontecimentos estes que são descontextualizados, desconectados da totalidade. Logo, estamos diante de um cenário educacional onde a sonoridade da palavra é a âncora da práxis pedagógica e não a sua força transformadora.

Nesse contexto de discussão, a educação se tornou uma ação mecânica em que os alunos são tidos enquanto “gavetas” que têm o dever e a obrigação de armazenar tudo aquilo que lhes é transmitido. Não é oferecida aos mesmos nenhuma margem de ação no sentido de transformação e participação, ao contrário, a única margem de ação ofertada, se é que podemos assim dizer, é a margem de receber depósitos.

Paulo Freire, um dos expoentes máximos da atualidade quando se pensa a educação brasileira, discute em seu livro *Pedagogia do Oprimido* a premissa de que

o que nos parece indiscutível é que, se pretendemos a libertação dos homens, não podemos começar por aliená-los ou mantê-los alienados. A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo. (2017, p. 93)

Quando se fala em educação libertadora discutida aqui por Freire (2017), quer se dizer com isso, também, que essa ideia de libertar pela educação é compromisso e competência de todos os professores que tiveram uma formação humanizada no sentido de compreender o quão é relevante para o sujeito em formação praticar o exercício da criticidade e dialogismo. Em vista disso, em uma concepção libertadora de educação, percebemos que o professor, enquanto educa, também é educado, pois, ao expor e explicar sobre seus repertórios pessoais e de natureza cognitiva e ao passo que dá margem para os alunos participarem das aulas, cria um ambiente propício para que o aluno também se eduque com suas paisagens de mundo.

O professor comprometido e consciente da sua prática sabe que sua formação não termina nas Universidades, estas apenas lhe apontam caminhos para uma constante formação continuada. Professores que comungam dessa tônica criam em sala de aula ambientes pedagógicos autônomos onde os alunos se sentem convidados a produzir aprendizagem e, por conseguinte, transformar o seu meio.

Um referencial na área da linguagem e de grande valia para a discussão aqui elencada é a contribuição da Linguística Textual, ciência que surgiu em meados dos anos 60, no século XX, e que hoje trata da produção e compreensão tanto de textos orais como escritos. A linguística saussuriana e suas concepções de linguagens tem uma função bastante relevante nesse processo de reorientação do ensino da língua portuguesa, pois a mesma nos possibilita analisar o fenômeno da língua muito além das teias gramaticais, com horizontes bem mais amplos e humanos, no sentido de que refletem os usos das pessoas em sociedade. Assim, o reconhecimento e a compreensão dessa ciência nos permite ultrapassar os limites do “certo” e do “errado” pregado pela

gramática normativa, para nos deixar seduzir pelo sabor e pelos saberes que as leituras trazem.

A gramática tradicional enxerga a língua como algo que deve ser preservada e conservada ao longo dos tempos, confeccionada há mais de dois mil e trezentos anos. Esta acredita que desde essa época até os dias de hoje não houve nenhuma mudança na linguagem, bem como nos falantes da mesma. Assim, estuda a língua como algo morto, não levando em consideração os sujeitos vivos que a falam. Estipula que existe uma única resposta correta para todas as dúvidas e o que não está registrado em seus escritos. Por outro lado, a linguística reconhece que somente se pode pensar em língua se houver sujeitos que a falem e admite, assim, que a língua é um elemento em transformação e que todos seus falantes a conhecem ou dominam, salvo apenas algumas sutilezas.

Quando se pensa no ensino de Língua Portuguesa bem como da leitura e escrita, um questionamento se faz pertinente: de qual modo o ensino de língua portuguesa pode assumir a dimensão interacional da linguagem, proposto aqui pela linguística?

Para responder a esta pergunta, recorreremos às dimensões da linguística proposta por Saussure (2006), uma visão interacionista da leitura e escrita supõe, desse modo, encontro, parceria, envolvimento entre os sujeitos, para que aconteça a comunhão das ideias, das informações, bem como intenções pretendidas. Nessa perspectiva, enquanto o professor de língua portuguesa limita o seu fazer pedagógico com nomenclaturas gramaticais, analisando, por exemplo, se o sujeito é “determinado” ou “indeterminado”, os alunos acabam sendo privados de compreender a própria existência e acabam se tornando “sujeitos inexistentes”.

Desse modo, é mais que crucial a formação do professor dentro de uma perspectiva de educação libertadora, bem como dentro dos preceitos da Linguística Textual para que de fato possam contribuir para uma formação significativa dos seus alunos no tocante ao uso eficaz da Língua Portuguesa.

4 Metodologia

O presente trabalho foi fundamentado com uma série de oficinas desenvolvidas na Escola Municipal Maria Dias Trindade, em que os alunos foram os próprios autores da sua aprendizagem. Foram feitas entrevistas na comunidade local com as pessoas mais idosas, bem como a leitura e análise de poemas, produção de mapas conceituais, dentre outras abordagens, cuja descrição segue nos próximos parágrafos.

Dito de outro modo, para a análise do evento em questão, foi utilizada como principal ferramenta pedagógica a peça teatral de João Cabral de Melo Neto, de nome *Morte e Vida Severina*. A partir dessa obra literária, foi possível perceber se tal objeto de estudo contribuiu de maneira significativa para que o processo de leitura e escrita crítico-reflexiva se desenvolvesse no Ensino Fundamental II, nono ano, na Escola Municipal Maria Dias Trindade, município de Paripiranga/BA. Dessa maneira, a obra “*Morte e vida Severina*”, de João Cabral de Melo Neto, deu origem ao projeto “*O Ator em cena: Morte e Vida Severina*”, em que se percebeu que a cultura da reza, do benzer para curar mazelas e o costume das sentinelas sobreviviam nessa localidade, como

também ainda há os retirantes que saem para a região Sul em busca de vida melhor. Além da leitura do texto teatral, o projeto propiciou o debate, a apreciação do filme inspirado no texto, entrevista com os moradores, produção de poema e vídeo, no qual os alunos aproveitaram o discurso direto e produziram um curta-metragem relacionando o contexto do teatro à sua realidade, além de ter culminado com a apresentação de uma peça teatral itinerante.

Roxane Rojo (2012) defende uma pedagogia dos multiletramentos ao sugerir a adoção em sala de aula de textos, numa perspectiva social e interacionista, visando uma prática transformadora. Segundo a autora, a proposta didático/pedagógica sustentada em critérios de análise crítica é de grande importância e harmoniza-se com os princípios de pluralidade cultural e de diversidade de linguagens envolvidas no conceito dos novos multiletramentos em sala de aula em suas diversas manifestações culturais de aprendizagem. Dessa forma, o trabalho realizado dialogou com a proposta de Rojo e apresentou também as multimodalidades textuais, numa perspectiva da cultura local à sala de aula, valorizando o saber trazido pelos alunos.

Na primeira etapa do projeto, foi feita a leitura da peça teatral seguida da análise da realidade social da comunidade em questão. Nesta atividade, eles relacionaram a cultura das benzedeadas, as sentinelas que hoje chamamos de velório, bem como as disputas de terras, problema este com menos intensidade, mas que ainda prevalece na região. Ainda na discussão, um dos alunos relacionou a discussão do texto *Morte e Vida Severina* com a obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, momento este bastante rico em produção de conhecimento, pois possibilitou que os alunos estabelecessem um comparativo entre pontos de encontro e desencontro quanto às temáticas das obras mencionadas.

Em um segundo momento, foi trabalhado, com a pedagogia do estudo dirigido, um exercício voltado para apropriação e ao entendimento do mesmo. Nesta atividade, os alunos responderam questões subjetivas sobre o teatro em análise, visando às armadilhas atuais enfrentadas pela comunidade e, no final, os estudantes foram convidados a produzir um mapa conceitual relacionando a cultura da comunidade com a peça. Esse momento se deu de maneira individual, cada aluno compôs o seu estudo que mais tarde foi socializado com os demais, gerando, assim, a produção de conhecimento compartilhado.

Mais adiante, houve a confecção de um poema de nome *A Vida Severina em Antas do Raso*. Nessa produção, os alunos construíram seus próprios textos, momento bastante significativo, pois permitiu que os alunos aflorassem seu espírito de escritores e autores da própria produção. A identidade do aluno ganhou notoriedade, pois, à medida que o professor investe e cria possibilidades para que o próprio aluno produza, ele garante que o mesmo se encontre enquanto sujeito da própria aprendizagem.

Nesse sentido,

essas questões que podem parecer à primeira vista de ordem puramente estrutural parece-me essenciais para encaminhar as reflexões de quem procura pensar a formação do educador. Verificamos assim, que o profissional que não consegue investigar questões específicas da sua área de conhecimento ou que não tenha tido oportunidade de pesquisar-se a si mesmo, necessariamente não

terá condições de projetar seu próprio trabalho, de avaliar seu desempenho e de contribuir para a construção do conhecimento de seus alunos. (PICONEZ *et al*, 1991, p. 49).

Como vimos no excerto, a formação do professor interfere diretamente no encaminhamento da sua prática pedagógica, uma vez que professores formados na e para a pesquisa conseguem projetar seu trabalho formativo de modo a contribuir para a aprendizagem significativa dos seus alunos e não reproduzir técnicas as quais foram usadas em suas épocas por seus professores.

Vale salientar ainda que em uma das etapas do trabalho aqui descrito, os alunos fizeram uma entrevista com membros da comunidade, em especial, as senhoras, a fim de compreender melhor toda a conjuntura cultural que configura hoje a identidade dessa comunidade rural. Assim, após a coleta desse material, que também serviu de base para a interpretação da peça teatral *Morte e Vida Severina*, tivemos a apresentação dos vídeos produzidos na entrevista, neste, as pessoas respondiam perguntas relativas à vida Severina na região. Depois disso, uma das entrevistadas produziu um poema e cantou-o no final da entrevista, momento este bastante significativo, pois os alunos perceberam que a escola faz parte da comunidade e, da mesma forma, a comunidade entendeu que é parte importante da escola.

O projeto aqui descrito teve seu desfecho com a apresentação de uma peça teatral, em que o poema *Morte e Vida Severina* foi adaptado para o discurso direto e assim possível de uma encenação. Com esta proposta avaliativa, os estudantes aprenderam o sentido textual, as multimodalidades nas quais o texto se apresenta, entenderam que a gramática pode ser aprendida de forma contextualizada, ativaram a fluência em leitura e escrita, e assumiram um papel social de leitor e escritor reflexivo.

5 Considerações finais

É sabido que o ato de ler é revolucionário, pois transforma o leitor passivo em leitor ativo, um coautor, doador de sentidos e, além de capacitá-lo para o estudo de obra literária, forma-o a entender e inter-relacionar questões referentes à sociedade de determinada época, às diversas influências do contexto histórico e, independentemente do tempo da obra, a analisar situações ainda existentes nas sociedades contemporâneas propondo intervenções para a mesma.

Partindo do pressuposto de que a leitura enquanto prática de letramento torna significativo o trabalho do professor e a aprendizagem do aluno, o presente projeto voltado para análise do texto de Joao Cabral de Mello, *Morte e Vida Severina*, mostrou como a conversão desta em uma encenação teatral fortaleceu as práticas de letramento e reforça a ideia de que pouco adianta a leitura mecânica e decodificada de um texto se não houver um trabalho sistematizado que possibilite aos alunos pôr em prática os conhecimentos adquiridos com a leitura, bem como as reflexões tiradas do mesmo.

Logo, o presente estudo teve como objetivo maior possibilitar ao estudante, bem como ao professor em formação, a análise do que vem a ser leitura, escrita e suas implicações sociais, promovendo assim discussões que sensibilizem e conscientizem a prática de leitura literária e da escrita, como instrumento de grande valor e importante

mecanismo para a formação de um sujeito crítico-reflexivo que valorize suas origens e produza, assim, uma nova história que transcenda os limites impostos pelas mazelas sociais. Espera-se com este artigo inspirar pessoas para a prática da leitura literária como mecanismo para o diálogo com o contexto do leitor, de modo a colaborar para a transformação do entorno do mesmo.

Referências

- ANTUNES, Irandé. *Aula de Português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 63. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- PICONEZ, S. C. B. et al. *A prática de ensino e o estágio supervisionado*. Campinas: Papirus, 1991. (Coleção magistério: formação e trabalho pedagógico).
- ROJO, Roxane. Pedagogia dos Multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, Roxane Helena Rodrigues; MOURA, Eduardo (orgs.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012. p. 11-31.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- TURCHI, Maria Zaira; SILVA, Vera Maria Tietzmann (Orgs.). *Leitor formado, leitor em formação: leitura literária em questão*. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2006.